

revista

**Gente**

de

**PALAVRA**

nº 18



# A PALAVRA DA GENTE

Adélia Einsfeldt Ana Beise Aron Barreto Poeta Cláudia Gonçalves Conceição Hyppolito Delma Gonçalves  
Diamant Elsa Camargo Felipe Magnus Francisco Castro George Valletero Geraldo Estrada Joaquim Moncks  
Jorge Ventura Lota Moncada Luciana Chaves Luiz Otávio Ollani M Isis Marcelo Girard Maria da Glória Jesus  
de Oliveira Nadia Lopes Ngl\* Ricardo Mainieri Rosane Ramos Themis Groisman Lopes Wander Bêh

# Coleção Caderno de Poemas:

## Gente de Palavra agora em livro!

### Poesia

Morda  
e deixe sangrar.  
Depois,  
entregue-se  
a saboreá-la.  
Não tema,  
nem faça aquela cara  
de gente que sente  
nojo e agonia,  
pois está viva  
e quente.  
É Poesia.

*Barreto Poeta*  
POA / 06 / 01 / 08.



Com esta edição, Gente de Palavra inaugura uma nova fase. Durante os próximos nove meses, lançaremos um livro por mês na Coleção Caderno de Poemas, financiada pelo Fumproarte – Fundo Municipal de Apoio à Produção Artística e Cultural de Porto Alegre. Será um total de nove livros com nove poetas novos.

A Coleção Caderno de Poemas é um projeto que visa apresentar os poetas da atualidade, gente que está viva, escrevendo; que faz do trabalho com a palavra um ofício cotidiano. Os autores são, quase todos, inéditos. Livros bem acabados, bonitos, mas sem luxo, oferecidos a preços populares.

O primeiro a ser publicado é Barreto Poeta, que já foi tema do número 10 de nossa revista. Bicho Homem é uma síntese de cerca de 50 anos de produção, de andanças por todo o Brasil, de uma vida rica em experiências, cheia de altos e baixos e, sobretudo, de persistência na arte de escrever.

Caderno de Poemas é uma ação editorial contrária ao paradigma de que "poesia não vende", que leva as grandes editoras a só publicarem nomes consagrados e não apostarem em novos talentos. Sabemos que o conceito existe e o desafiamos; é por isso que ousamos nos chamar Gente de Palavra.

RMM

## O palhaço

O vento sopra forte  
enfasiado  
sacode a lona do circo

o palhaço sensível  
à fuga das pessoas  
nervosas  
apresenta com doçura  
o último número

em câmera l e n t a.

*Adélia Einsfeldt*



## Paradoxo

cismam os poetas que flores têm sabor  
que saudade tem cheiro  
— que grita o silêncio

ah!  
nada acompanha o pensar de um poeta  
que beija a boca da noite  
salta da fonte do sonho  
e até ao relento com os sentidos atentos

rende-se à voz do coração  
que galopa ao encontro do  
verso

*Cláudia Gonçalves*



# Telar de sensaciones

Poros atacados por un delirio  
abatido, por un desenfreno  
saciado, por una fuente  
salida de la llama,  
que brilla  
y sueña,  
mira, se  
deleita,  
camina,  
de la mano, impulsada  
por el vaho eterno,  
el calor intenso,  
el olor a cansado.

*Diamanb\**

*\* Diego Alejandro Mantilla Beltrán,  
Bucaramanga, Colombia*



## Há vida

Esse olhar encantado  
devolve o raro, o ar,  
a perfeita noção de que  
há vida afinal, ali, intacta  
– embora toda a dor, a pena –  
ávida por ser desvelada,  
fruída, amada intensamente,  
ao alcance de uma mão espalmada.

*Lota Moncada*



## Teresa

e agora Teresa?  
meu mundo ruiu,  
o bule entornou...  
café derramado,  
toalha manchada.

com a chave nos dedos,  
cadê solução?  
a porta fechada,  
a casa sem água...  
o forno sem torta,  
a rua com lixo...

se você cantasse  
o tango argentino!...  
se você tocasse balalaica!...  
se você voasse!...  
se você fizesse alguma coisa, Teresa!

mas você só me pede versos

*Luiz Otávio Oliani*



Criança de rua  
Em noite de chuva:  
Não tem estrelas  
Não tem lua  
Só tem no seu sonho  
Uma casinha que não é sua.

Ana Beise



## Casa tomada

O vento insufla as cortinas da sala  
Forma vultos fantasmas;  
- a terceira pessoa  
em matéria quântica  
dissolve-se no ar...  
*noir...*

Conceição Hyppolito

## A farsa e a força

Guardo cinco segredos  
nos dedos desta mão.  
Faço a soma dos medos  
na folha de urtigão.  
Tudo à volta entristece:  
o ermo, o solo, o entrevero.  
A farsa face a face  
com a força mais fere.  
Face invertida e falsa,  
a façanha da foice.  
Nem a farsa falsete,  
nem a força forçada.

Há a recusa do chão,  
só uma face ferida.  
A farsa contra a força  
é poesia impune.  
Mas peço um canto santo  
onde tão dura a farsa,  
onde tão lume a força.  
A fé já não me aplaca.  
Ponto de desencanto,  
eu canto minha prece  
bem na ponta da língua,  
bem na ponta da faca.





## Ser e não ter

A quem compartilhar dessa viagem  
sabe o gosto pelo desconhecido

que a ti não falte papel Caro Poeta  
à ponta do lápis uma porta ABRE

o cheiro endêmico da sociedade pútrida  
chafurdam rosas sobre um belo jardim

bebo sim à desonra dum miserável  
sou fraco para com os pobres de espírito

bebo as obscuras promessas de campanha  
engulo a seco o nauseabundo candidato

cheiro a bala nas esquinas de protesto  
aspiro as frases de ordem sem progresso

cheiro a gasolina feito animal contaminado  
fedido a detritos qual regam o asfalto

aplausos aos desfiles de carros BÊBADOS  
com alegria atropelam carnavalescos

cheiro mal a sangue frio punhais de grileiros  
fumo as aparências de um bom mocinho

até ontem descíamos a ladeira juntos  
de mãos vazias hoje uma rua imunda subo

aos olhos cavo sensível lembrança  
ampara minha queda sem mais delonga

a velha história  
insistentemente  
Reprisada-represada  
entre Sherazade  
e Amélia  
Madre Teresa sexuada  
a mulher-criança  
abandonada  
em mil e uma noites  
inventando as tramas  
de sempre  
Dócil, meiga  
Esperta, perspicaz  
Fogosa e carente  
Fazendo de tudo  
pra ser vista  
aplaudida e amada  
como se amor fosse  
moeda-recompensa  
por bom comportamento

*Nadia Lopes*



# Tripalium II

prezados senhores  
segue em anexo  
sob sua lente convexa  
um texto sem nexo  
currículo que confesso  
obra dadaísta em excesso  
acompanhado de um retrato  
novo, mas com cara de cansado  
insatisfeito, intragado, infeliz  
de saber que tudo que fiz  
não vale sequer um cruzado  
em seguida, por um emprego imploro  
(e como me demoro!)  
porque com poesia no coração  
não ganho sequer um tostão  
(desta terra, tamanha ingratidão)  
o labor de tal quinhão  
gera mais de milhão  
mas acaba sendo ladrão  
da poesia que escorre da mão.  
atenciosamente.

*Felipe Magnus*  
23/01/2014



## Sahara

Sahara  
Color de desierto que he visto con los ojos cerrados  
De camellos cansados, caballos perdidos, cabellos largos  
Y hombres cubiertos.

Sahara  
Sueño de mis sueños  
De tierras lejanas, inhóspitas, melodiosas  
Te veo frente a mí después de la oración de la mañana  
Siento tu arena en mis pies al levantar la mirada hacia el cielo oculto  
Pero la imagen se desvanece como polvo en el aire entre los dedos  
Y vuelvo a una realidad distinta.

Sahara  
De velos blancos y negros de seda  
De ancianos que se acompañan de estrellas  
De gente bella, de danzas suaves, de aves escondidas  
Tierra dueña del dueño de mi devoción.

*Elsa Camargo, Colombia*  
22 de junio de 2010

## Homens ...

Na ânsia de encontrar  
a divindade perdida,  
se põe a desbravar  
Oceanos, mares, terra e ares...  
Em vão...  
O segredo da divindade humana,  
não está fora,  
está dentro...

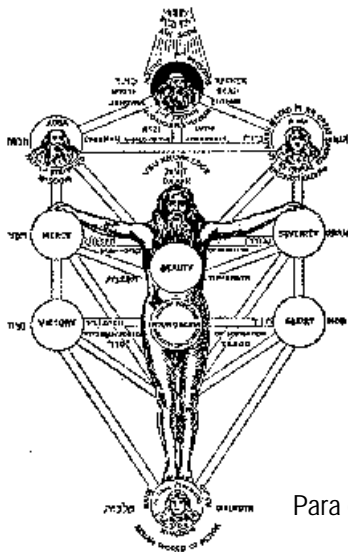
*M Isis*  
#poesiadodia  
[www.todapoesiadodia.blogspot.com.br](http://www.todapoesiadodia.blogspot.com.br)



## Movimentos

Mesmo sem entender  
o movimento dos corpos,  
o equilíbrio do homem no arame,  
a exatidão de planetas e galáxias,  
a mulher que se dobra dentro da caixa,  
o salto preciso da pantera,  
a sensualidade do capoeira,  
o torcer dos dedos quando se espera,  
o arriscar-se estar à beira de um abismo,  
desejo a dança do amor mais que o amor,  
a festa dos corpos se movendo em atrito,  
tua pele na minha pele, prazer é isto.

*Rosane Ramos*



## Não vou ao meu enterro

Para evitar o cheiro das flores  
O choro do meu inimigo  
O encontro de meus dois amores  
As roupas apertadas  
Parede de madeira envernizada.

O sono silencioso dos sonhos  
A maquiagem fora de moda  
Rabecão correndo sem cuidado  
Pertences pelo covreiro roubados.

Eu virar santo  
Qualquer um da autópsia  
Desnudar o manto  
Um padre desconhecido  
A missa comprada  
Uma reza obrigada  
E em vida me lembrar  
Que não fui nada.

*Marcelo Girard*





## Acaso?

Era um encontro marcado.  
Alguém não compareceu.

A música embalava suave.  
A ausência fazia saudade.

Com quem surge do nada  
um cavalheiro apareceu...

Sentou sem pedir licença  
sorrindo e se enamorou.

Foi o destino cumprindo  
um mandato inesperado.

O acaso traz surpresas  
para quem sabe sonhar.

Acreditando que o sonho  
É a vida a lhe presentear.

*Themis Groisman Lopes*



## Tipo gueixa

Chegou como sempre  
Cansado. Suado.

Eu corri para a sala meio sonolenta  
Dei-lhe aquele beijo molhado: Tipo gueixa!

Ele refestelou-se no sofá. E o ritual prosseguiu anos a fio  
Tirei-lhe a gravata, a camisa, os sapatos, as meias, as calças.

Desabotoei a sua cueca samba-canção, nem lhe fiz queixas.

Abri as pernas. Acoplei meu corpo no seu

Para o ato da consumação

Mal-acostumada nem fiz o menor esforço

Então...

Minhas lágrimas rolaram misturando-se à pele salgada

De seu pescoço, quando minha língua sugou.

O gosto intruso vermelho: da marca de "batom"!



## Presentación parisien



Gardel nació en Tacuarembó  
no quepa la menor duda  
por interés alguien desarrollo  
historia francesa absurda

él mismo se pronunciaba  
en cualquier ocasión  
con orgullo afirmaba  
que uruguay era su nación

Doña Berta también dijo  
siempre que se le preguntó  
dios le mandó otro hijo  
que de Tacuarembó llegó

vientos del tiempo se lleva  
recuerdos y testigos  
documentos y libros comprueban  
la verdad de lo que digo

una gran prueba recibí  
de Don Gervasio Furest Muñoz  
pues estando él en París  
amigos presentaron a los dos

al saber su nacionalidad  
Don Carlos le contestó  
yo también soy uruguayo  
y a seguir lo abrazo

quedo grabado el recuerdo  
de parisien encuentro casual  
uno artifice y el otro cantor  
ambos del pago oriental!

*Geraldo Estrada*

## Tatuagem

Ter o poder de contradizer o interdito, o que ficou das cores  
Que eu não usei.

De construir a minha voz em meio a essa turbulência.  
De encontrar nas entrelinhas do silêncio o vir a ser.  
Nesses versos meus, tão seus...

Tão nus, crus.

Sem métrica, ritmo ou rima.

À flor da pele como uma catarse ou quiçá como uma tatuagem.

Estimidade efêmera.

Uma estranha no ninho.

Meus olhos conseguem vê-la.

Minhas mãos não podem tocá-la.

Saio flinando todo errôneo.

Ninguém me leva...

Vou rabiscando o chão do meu desejo.

O céu sobre a minha razão é como uma tampa de um caixão.

Os dias assim como eu passam como a chuva

Que cai sobre os velhos telhados,

Como uma página virada dessa história mal contada.

Nesses versos meus, tão seus...

Tão nus, crus.

À flor da pele como uma catarse ou quiçá como uma tatuagem.

*George Valletero*



# Nada importa

Não importa o agora, se ele já está mudo,  
nem o amanhã, que não chegou ainda!  
Mas importa um pouco, quando vens, bem vinda.  
E importou muito o tempo, que construiu tudo.

Não importa se já não falamos mais,  
nem importa que doa tão agudo!  
Mas importa um pouco, ter que ficar mudo,  
E importam, os quereres nossos, universais.

O que importa o tempo, se foi mais, ou menos?  
Bem pouco é o que importa se não nos vemos mais.  
Se você não se perde e eu já não lhe acudo.

O que importa é o cheiro daqueles nossos fenos,  
O que importa são as leis daqueles canaviais!  
Em nada importa o nada, quando já tivemos tudo.

*Francisco Castro.*



**Tuchê!**

O poeta, em volta da rima,  
não disse nada, só fez clima.  
Foi como um cego lutando esgrima!

*Wander Bêh*



# A fogar a dor

a dor  
não dói quando voamos

sou ar  
és fogo  
te sopra  
te alastro  
te abano

te subo  
me encanto

não dói quando voamos  
da dor

és fogo  
sou ar  
te elevo  
te briso  
te refresco

te pulso  
me encontro

quando voamos  
não há dor  
quando voamos amor  
h'ardor

*Luciana Chaves*



# Exclusão

Somo-me  
aos excluídos  
com a consciência  
que eles não portam.

Eles portam armas  
almas maltrapilhas  
o ódio vertendo  
dos poros.

Já não me importam utopias.

Parto  
desorientado.

O futuro em gestação.

*Ricardo Mainieri*  
<http://www.mainieri.blogspot.com>

Todas as minhas dores foram  
levadas com o vento  
o sorriso está talhado no rosto  
tem hora que vivo sonho  
outra a realidade  
na maioria das vezes  
vivo apenas.  
Consumo todas minhas incertezas  
em pratos fundos de fome pelo  
o que me espera  
meus medos jogo para cima  
como cuspe  
assim tenho tempo para tomar  
coragem até ele cair na testa.  
A tristeza fica nos versos  
as que não consigo domar  
crio metáforas tão complicadas  
para que nem eu consiga entender.  
Quero um amor próprio, sem posse!  
Que ele possa se aproximar de mim  
quando quiser... depois sair em busca  
de outros corpos que não pensam  
como eu.  
sou o todo o caos que preciso  
para viver em paz.

Aron





## Marinha de escombros

O sol é tórrido nesta manhã de janeiro  
e as ondas copulam, copulam...  
Nesta praia em que exorcizo a ausência  
em longas solitárias caminhadas  
a silhueta projeta-se em sombras disformes  
e os pés apressam o passo  
como pudessem alcançá-las.

Quando o sentimento aflora num soluço  
o que existe no fundo do ser?  
Submerso de mágoas o coração  
balbucia a palavra mágica: amor!

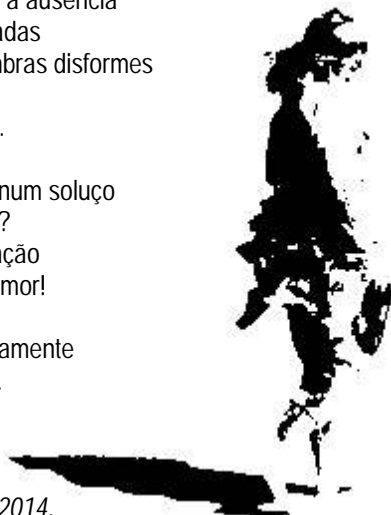
As ondas copulam descaradamente  
e encharcam a sombra inútil.

*Joaquim Moncks*  
– Do livro *O amar é fósforo*, 2014.  
<http://www.recantodasletras.com.br/poesias/4693735>

## Muito querer

Hoje, quero que o mar esteja azul  
que sopra um gélido vento sul  
que a areia solta não fuja dos meus pés  
que a criança não perca a pazinha  
que surja uma sombra somente minha  
que passe logo o vendedor de picolés  
que nuvem alguma tampe o sol  
que não me voe o guarda-sol  
que a onda banhe meu corpo inteiro  
que não passe um vizinho interesseiro  
que ao voltar encontre a casa arrumada  
e, finalmente, que me sinta amada.

Maria da Glória Jesus de Oliveira



Editado e impresso em Porto Alegre por Gente de Palavra Microeditora  
[www.gentedepalavra.com.br](http://www.gentedepalavra.com.br)  
[gentedepalavra@hotmail.com](mailto:gentedepalavra@hotmail.com)

Esta edição: 100 exemplares  
Revisão: Estevão Cogoy (IEL) e Michelle Hernandez (Gente de Palavra)  
Redação, projeto gráfico e diagramação: Renato de Mattos Motta

Conselho Editorial:  
Erivoneide Barros e Paulo Roberto do Carmo

Porto Alegre, março de 2014.

